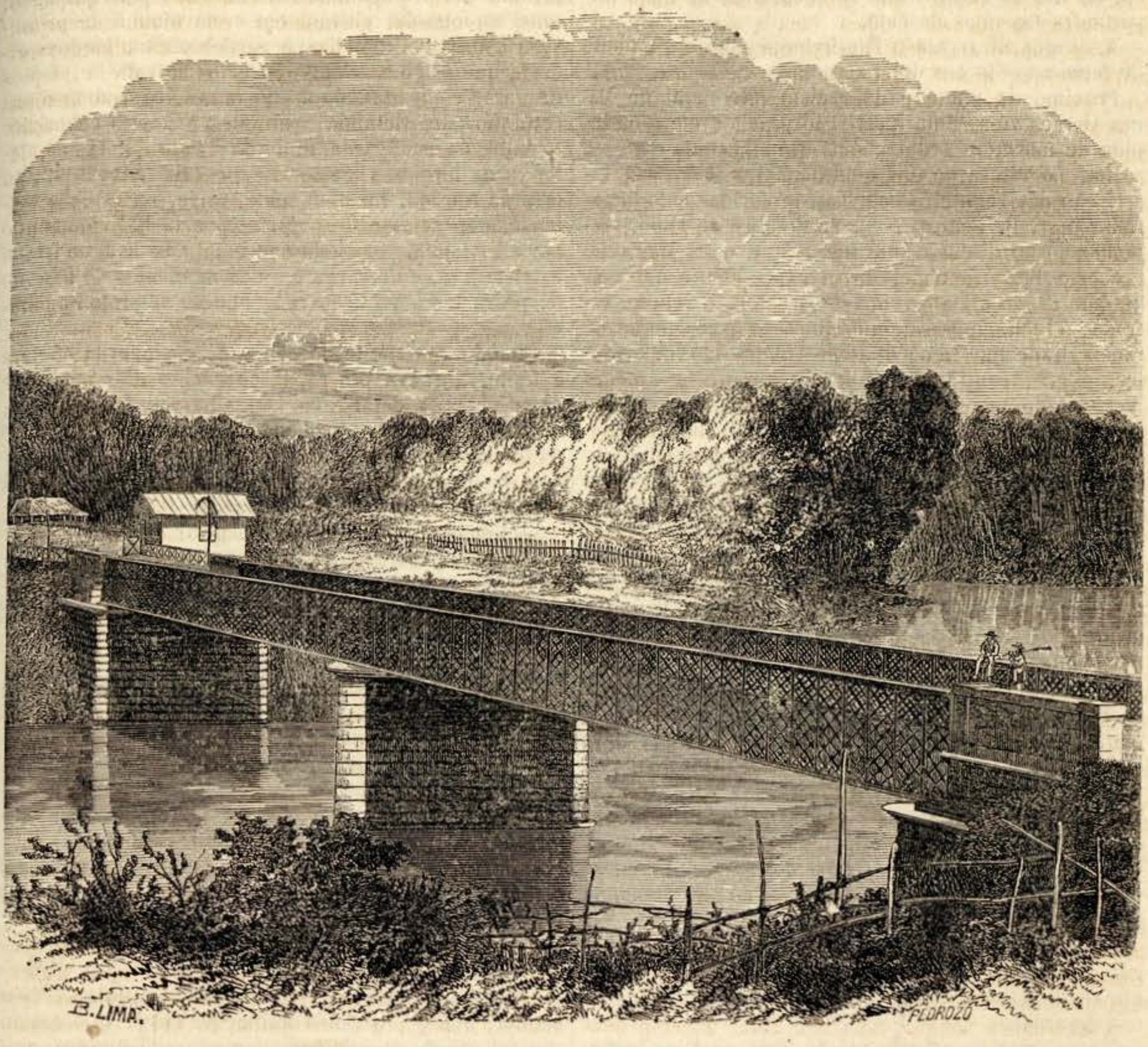


Ponte americana, ou de Carlos Gomes, na estrada de Petropolis ao Juiz de Fóra

BRASIL

ESTRADA NORMAL DE PETROPOLIS AO JUIZ DE FÓRA

(Vid. pag. 318 do vol. VII)

Deixando a estação de Luiz Gomes, no Campo da Gramma, afasta-se a estrada das margens do Piabanha, porém, d'alli a pouco menos de dois kilometros torna a atravessar este rio por uma extensa e bella ponte. É a quarta e ultima vez que o transpõe, e seguindo da sua margem esquerda em direcção ás *Tres Barras*, chega ao rio Parahyba.

Toda esta parte da estrada que temos descripto até junto d'este rio, com as suas importantes obras de arte, foi dirigida pelo engenheiro em chefe, o sr. capitão Oliveira Bulhões.

Dá passagem á estrada sobre o Parahyba uma ponte magnifica. É de ferro, direita, e assenta ao meio do rio em cima de dois grossos pilares de pedra. Em cada uma das extremidades levantam-se dois altos pilares quadrangulares que rematam em fórma de torres ameiadas, e servem de ponto de suspensão, estando ligados por gradarias de ferro que correm por todo o comprimento da ponte.

Os elevados montes que se erguem a cavalleiro da ponte, vestidos de basto arvoredo; o rio, cobrindo todo o leito com suas limpidas aguas; e a ponte com a sua esbelta fórma acastellada, compõem um lindo e pittoresco painel.

A uns tres kilometros de distancia, pouco mais ou menos, encontra-se a estação de *Entre Rios*, assim chamada por ficar proximo das *Tres Barras*, onde confluem os tres rios, *Piabanha*, *Parahybuna* e *Parahyba*, sendo este ultimo o que recebe o tributo dos dois primeiros.

Acha-se a *estação de Entre Rios* no meio de formosissima paizagem. Tem vastos edificios, sendo o principal de madeira, mas de agradavel aspecto.

A pouca distancia passa a estrada por um pequeno túnnel aberto na rocha viva.

Segue-se a *estação da Serraria*, cujo edificio, tambem de bonito prospecto, está edificado junto de um alto monte coberto de arvoredo. Logo adiante passa-se por uma ponte de pedra sobre o ribeiro da Serraria, depois chega-se ao *Parahybuna-Velho* por uma formosa alameda de coqueiros; em breve entra-se na *estação do Parahybuna*, situada nas faldas de escarpada serra. Os edificios d'esta estação, construidos de tijolo, offerecem uma linda perspectiva.

É aqui o limite das duas provincias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes. De um lado do rio Parahybuna está o registo provincial da primeira; e na outra margem do rio o da segunda.

Em todo o trajecto, desde as Tres Barras até este ponto, vae a estrada correndo por entre quintas com grandes plantações de café. É n'esta parte da provincia do Rio de Janeiro que se encontram as mais importantes fazendas de café.

A estrada atravessa o Parahybuna sôbre uma ponte de ferro assente em diversos pilares de pedra.

Proximo da ponte e do registo provincial de Minas Geraes vê-se uma inscripção gravada em uma lapida de marmore branco, que está embebida em uma rocha, na altura de uns quatro metros. Consta a inscripção das seguintes palavras, proferidas pelo imperador o sr. D. Pedro II, em 12 de abril de 1856, respondendo ao discurso que lhe dirigiu o sr. Marianno Procopio Ferreira Lage, director presidente da companhia *União e Industria*, constructora d'aquella estrada: «Uma empreza, cujo fim é a construcção de uma estrada que ligue duas provincias tão importantes, e que, continuando talvez para o futuro até ás margens do segundo rio do Brasil, reunirá o interesse de seis provincias, de certo merece ser chamada patriotica. Afianço-lhe; pois, a continuação da minha protecção, e creio que não poderia melhor agradecer os sentimentos de amor e fidelidade que acaba de me manifestar em nome da companhia.»

Seguindo pela margem direita do Parahybuna, vae passar a estrada junto do *Arrayal da Rancharia*, logar da freguezia de S. Pedro de Alcantara. É esta a primeira povoação da provincia de Minas Geraes que o viajante encontra percorrendo aquella estrada. Depois acha-se a *estação do Duque*, á qual se segue a de *Mathias Barbosa*. Perto d'esta corre o *ribeiro de Mathias*, que a mesma estrada transpõe sobre uma pequena ponte de madeira. É um dos sitios mais pittorescos de toda esta via, tão rica de perspectivas variadas e formosissimas. O ribeiro rega o fundo de um estreito valle, apertado por montanhas de encostas ingremes, inteiramente povoadas de espessos bosques, que dão sombra á ponte, banhando-se ao mesmo tempo na lisa corrente em que se espelham.

Aqui afasta-se a estrada do rio Parahybuna até chegar novamente ás suas margens, no logar em que o atravessa sobre a antiga ponte do *Zamba*, agora apenas reparada.

No restante da estrada até ao *Juiz de Fóra* luctou a empreza com immensas difficuldades, tendo de proceder a cada passo a custosas obras de arte, sobre tudo na *serra do Marmeleiro*.

D'entre aquellas obras sobresáe, por sua simplicidade e solida construcção, a ponte chamada de *Carlos Gomes*, ou *ponte Americana*, que a nossa gravura representa. Está lançada sobre o Parahybuna, que a pouca distancia é orlado de frondoso arvoredo.

A gravura dispensa a descripção. É cópia fiel de uma excellente photographia, pertencente ao album de que fallámos a pag. 114 do vol. VII, e honra o artista que a gravou.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O EMBUSTEIRO

(CONTO POPULAR DE TRUEBA)

I

Em formoso e solitario valle de Alcarria ha duas pequenas povoações esquecidas de todos, exceptuando o governo, que as tem bem presentes quando lhes distribue os impostos.

Chama-se Retamar uma d'estas povoações, e Tomillar a outra.

Os retamarenses tem fama de asperos e amargos como a sarça e a giesta; e os tomilharenses gozam do credito de suaves e doces como o tomilho e o mel.

Um *cavalleiro*, montado na cernelha dos calções, e levando por acompanhamento um cão e por equipagem uma espingarda, chegou em certa manhã de primavera a uma collina, d'onde se descobriam as duas aldeias que estão nos dois extremos do valle, e, depois de parar e meditar alguns instantes, continuou o seu caminho para Retamar, que era a primeira povoação.

A tiro de espingarda, antes de chegar a Retamar, debaixo de formosos alamos negros que se levantam na orla da estrada, ha uma fonte, onde, na estação calmosa, não deixam de parar os poucos individuos que por alli viajam, para beberem uma gota de agua fresca e cristallina, e descançarem uns momentos no assento de pedra toscamente lavrado que se vê junto dos alamos.

Quando o viajante do cão e da espingarda chegou á fonte, acabava um rapaz de encher dois barris de agua que poz dentro das cangalhas de um jumento, o qual, em quanto se enchiam os barris, pastava entre os alamos.

O rapaz saudou civilmente o viajante, e este parou e travou conversação com o rapaz.

— Como se chama esta povoação?

— Chama-se Retamar, meu senhor.

— Não me desagrada o seu aspecto.

— Ainda que me esteja mal dizel-o, meu senhor, melhor povo que este não ha na Alcarria.

— E a outra que se vê no fim do valle?

— Aquella é Tomillar, mas não vale metade de Retamar.

— Que tal é o povo de Tomillar?

— E' bom, porém muito parvoalho.

— Parvoalho?

— Por exemplo: v. s. diz aos de Tomillar que este jumento vôa, e logo o acreditam. É verdade que lhes custam caro as tolices, porque nós de Retamar mais os chupâmos!...

— E por que os chupam?

— Pelo que se conta d'elles.

— Então o que se conta?

— Não tem numero as anecdotas. Ora julgue, meu senhor, que o povo de Tomillar fez em certa occasião um relogio de sol, e, para que não o damnificasse o sol nem a agua, cobriu-o com um telheiro, e o relogio nunca marcou a hora; e de outra vez construiu uma torre na egreja, e como lhe faltassem pedras para terminal-a, foi tirando-as debaixo para cima, e a torre caiu.

— E é rica a povoação de Tomillar?

— Mais pobre que Job. Retamar é que é abastada... Desculpe a pergunta: v. s. vae a Retamar, ou vae de passagem?

— Agrada-me este valle, e desejo passar aqui alguns dias para caçar.

— Não faltará na povoação quem o acompanhe, meu senhor, com galgos e tudo.

— Não careço de companhia. Estão a chegar os meus criados e as minhas matilhas.

O rapaz, que se ia familiarisando com o viajante, tornou a fallar-lhe com maior respeito assim que ouviu dizer que esperava os criados.

— Asseguro-lhe, meu senhor, que se divertirá muito, porque não falta caça n'estes sitios, principalmente na tapada. Não viu v. s. a tapada de Retamar?

— Não.

— Lá em baixo a verá, meu senhor. Que de arvoredo! O povo de Tomillar tem inveja d'ella, e por sua vontade exproprial-a-hia para si!...

— Está decidido: prefiro Retamar a Tomillar.

— Além da caça, vae ter aqui um divertimento de que os senhores da cidade gostam muito, e que não encontraria em Tomillar.

— E que divertimento é esse?

— As comedias.

— Pois ha comedias em Retamar?

— Ha, sim, meu senhor. O medico, o mestre da eschola e outros individuos fizeram na adega do sr. regedor um theatro que nem em Madrid ha melhor. No domingo passado representaram uma comedia com a qual todos nos rimos a bandeiras despregadas!... V. s. já a viu, por certo, alguma vez. O enredo é assim: chega um homem a Ilhescas dizendo que é barão e não sei que mais coisas; e como a dona da casa onde pernoita era tão parvoa como os tomilharenses, acredita o que lhe diz o homem, dá-lhe oiro e tudo, e, a final, vem a saber-se que o tal barão é um embusteiro...

— Sim, sim; já vi essa comedia.

N'esta conversação, o viajante e o rapaz chegaram á entrada da povoação, onde o caminho que leva a Tomillar, em vez de seguir pela aldeia, torce para os arrabaldes.

— Então v. s., lhe perguntou o rapaz, não fica em Retamar?

— Fico; quero antes, porém, ver estes arredores que me encantam.

— Até logo, meu senhor. Sigo o meu caminho, com licença de v. s.

— Adeus, rapaz. Até logo.

O viajante afastava-se instantes depois de Retamar, e dirigia-se para Tomillar.

II

Era Tomillar, com effeito, povoação muito mais pequena e de aspecto muito mais pobre que Retamar. Erguia-se em uma collina rodeada de fragrantes tomilhos, e limitava-se a umas quarenta casas edificadas em volta da egreja, que não tinha campanario, circunstancia de que, pelo que se viu, se aproveitavam os retamarenses para levantar aos singelos tomilharenses um falso testimunho de inverosimil simplicidade.

Uns rapazes que jogavam a pella no adro da egreja, d'onde se descobria o caminho de Retamar, viram o viajante que subia a encosta, e apressaram-se em dar a noticia, que circulou immediatamente entre o povo, de que um *cavalleiro* se avisinhava de Tomillar.

A chegada de um viajante, e principalmente de um cavalleiro, era grandissima novidade em Tomillar. Assim foi que, antes que o homem da espingarda e do cão chegasse a subir a encosta que terminava no largo da egreja, tinha affluido ao largo, para o ver, já bom numero de pessoas.

O forasteiro, ou antes, o *senhor*, como lhe chamavam os tomilharenses, era homem de quarenta annos, e, a julgar pelo vestuario, o seu senhorio devia ter poucas rendas.

Comprimentaram-n'o todos com respeito, e elle, depois de agradecer o comprimento com ar de superioridade, perguntou:

— Ha n'esta povoação alguma hospedaria onde possa hospedar-me com os meus criados?

Os tomilharenses, apesar do respeito que lhes inspirava o viajante, não poderam deixar de sorrir-se ao ouvir a pergunta, e dirigiram o viajante para a casa da tia Margarida.

Era a tia Margarida uma pobre viuva que tinha *venda*, cujo fornecimento fazia de vez em quando indo a Guadalajara, e empregando quatro ou cinco mil réis, que, por assim dizer, constituiam metade do seu capital em circulação. Além disso, hospedava os forasteiros que appareciam em Tomillar, e se limitavam a algum cauteleiro, empregado de fazenda ou caçador de Guadalajara ou Siguenza.

Gumercindo, ou Gomisindo, pois os tomilharenses achavam mais commodo dar-lhe antes este nome que o primeiro, era filho da tia Margarida, e acabava de pagar a sua substituição no exercito, graças ao grande sacrificio de sua mãe, que tivera de vender as geiras que lhe deixára o defuncto marido.

Agenciando a mãe por um lado e agenciando o filho pelo outro, mãe e filho viviam em paz e graça de Deus, e tão felizes como os que vivem accommodando a despeza com a receita, e resignando-se com a sua sorte, ainda que seja má.

— Diga-me, boa mulher, perguntou o viajante á tia Margarida, continuando a fallar com superioridade, não passaram por aqui os meus criados?

— Não, meu senhor; não vi ninguem.

— Canalha! Logo que volte a Madrid hei de pôr todos no meio da rua, desde o cocheiro até ao mordomo, exclamou o senhor, mostrando agitação.

— Descance, meu senhor, que talvez não tardem e entretanto meu filho e eu estamos ás suas ordens para tudo o que desejar, replicou a tia Margarida com a cortezia e franqueza que eram devidas a um senhor que tinha cocheiro e mordomo.

— Careço de uma habitação decente onde possa esperar esses villões, que, naturalmente, julgaram mais commodo seguir para Guadalajara na minha carruagem de quatro cavallos, que torcer caminho e virem esperar-me aqui, como lh'o determinei, em quanto eu me divertia caçando n'estes arredores.

A tia Margarida conduziu o hospede ao melhor quarto da sua casa, isto é, á sala, que estava modestamente mobilada, aformoseada pelo aceio e pela ordem.

— Não tem vossemecê quarto mais decente que este? — perguntou desdenhosamente o viajante.

— Não, meu senhor, respondeu a boa da mulher, parecendo escandalisada de que achassem pouco decente a sala em que ella tinha posto os cinco sentidos.

— Terei, pois, que resignar-me a esperar aqui os villões de meus criados. Não estranhe a minha colera, porque, na verdade, é para encolerisar ter cada qual de servir-se a si proprio, e occupar uma casa como esta, quando tem uma duzia de criados e habita um palacio que a rainha até acha commodo e magnifico todas as vezes que n'elle descança.

— Ah! meu senhor, exclamou a tia Margarida assombrada, com que a propria rainha vae a casa do senhor...

— Ó mulher, que está ahi dizendo? — replicou o viajante, com altivez e indignação taes que atemorisaram a tia Margarida. Julga vossê que a minha casa é uma pocilga como esta, e que eu sou algum villão perfumado em alhos como vossês aqui estão? O meu palacio, na rua do Embaixador, é digno de hospedar os principes do mundo, e o visconde de Sete Castellos, glorioso titulo com que me honro, pertence á nobreza mais illustre da Hespanha.

— Perdão, meu senhor, murmurou aterrada e confusa a tia Margarida: não quiz offendel-o...

— Bem sei, bem sei; e para lhe provar que vossemecê me inspira confiança e sympathia, lembro-lhe que tendo uma *excellencia* como uma casa, ainda não exigi o tratamento.

— Muito agradecido, meu senhor...

— Não ha de quê. Eu, pelo contrario, devo agradecer a sua indulgencia em desculpar os impetos do meu genio mau.

A boa tia Margarida não se lembrava já de que o sr. visconde de Sete Castellos chamára á sua sala pocilga, e aos tomilharenses villões que tresandavam a alhos. Tanto que fôra descobrindo o altissimo personagem que tinha em casa, fôra inchando de orgulho até ao ponto de julgar que nada podia pagar no mundo que *o senhor* não se tivesse incommodado por dar-lhe um tratamento egual ao que recebiam, sem offensa, o regedor, o cura ou o mestre de meninos.

(Continua) B. A.

HESPANHA

FONTEARABIA

A cidade de Fontearabia, que os hespanhoes chamam Fuenterrabia *(Fons rapida)*, está situada junto á foz do rio Bidasoa, na provincia de Guipuzcoa, 32 kilometros a S.O. da cidade de Bayonna, e a 125 kilometros a E. de Burgos.

Parte sentada em terreno plano, parte erguendo-se em throno sobre um oiteiro pouco elevado, occupa uma posição summamente pittoresca. Do lado do norte róla o Oceano as suas ondas até quasi lhe bater nos muros. Do lado do sul estende-se o fresco valle de Oyazun. A oéste entranha-se pelo mar, não muito distante, o cabo Jaitzquivel, ou promontorio Olcarso, celebrado pelos geographos da antiguidade, e em cujo extremo, denominado ponta de Higuer, campeia o castello de S. Telmo. Pela parte de éste corre o Bidasoa, que a banha, e serve de espelho a seus edificios.

Cinge a cidade uma cêrca de muralhas, com dois mil passos de circumferencia, e defendida por um largo fosso. É muito antiga esta cêrca, e, posto que tenha sido reedificada por muitas vezes, ainda mostra alguns lanços da fabrica primitiva. Fortalecem-n'a varios baluartes, e dá entrada á cidade por duas portas com suas pontes levadiças. Tem tanta espessura estas muralhas, que sobre ellas corre um passeio, d'onde se goza mui lindos e variados panoramas.

A cidade em si é pequena, pois que não conta mais de tres mil habitantes. Não corresponde no interior á bella perspectiva que offerece aos que a contemplam exteriormente. Encerra uma egreja parochial, sete ermidas, casa da misericordia, e um convento de capuchos, que não sabemos se está ou não habitado. Os principaes edificios são: a *antiga casa consistorial*, a *matriz*, e o *palacio do governador*, em frente do qual ha uma praça, onde se fazem exercicios militares, paradas e festas nacionaes. A matriz, obra do seculo XV, é um templo grande e de bella architectura.

Por fóra dos muros estendem-se tres bairros, chamados *Jaizubia*, *Cornuz* e *Magdalena*.

Nos seus arrabaldes cultivam-se cereaes e legumes, porém em pequena escala. Consiste a principal industria d'esta povoação na pesca do mar e do rio. É este muito abundante de excellentes salmões, que d'alli se exportam para muitas terras de Hespanha e de França.

O porto fica para o lado de N.E. Tem tão pouco fundo, que apenas permitte a entrada a barcos de pesca, e na maré cheia a algum patacho de pequena lotação. A barra, na baixa-mar, não tem mais de um a dois palmos de agua. Entretanto, a enseada formada pelo cabo Higuer offerece um bom ancoradoiro, bom por ser sobre areia, e com seis a oito braças de profundidade, mas perigoso em occasião de temporal, por causa das restingas de rochedos submarinos que se alongam adiante d'aquelle cabo, e da outra ponta de terra que fórma a enseada pelo lado de S. E.

O rio Bidasoa tem perto da cidade alguns logares muito aprazíveis; entre outros a *ilha dos Faisões*. Este rio nasce no valle de Bastan, em a Navarra. Dirige-se no seu curso de E. para O., separando as provincias de Guipuscoa e Navarra, e esta ultima da fronteira da França.

A situação de Fontearabia, junto á fronteira da França, tem feito figurar esta cidade em quasi todas as guerras travadas entre os dois paizes limitrophes. Foi, por conseguinte, sitiada muitas vezes, com successo differente. Nos longos assedios que padeceu em os annos de 1466, 1524 e 1638, teve a gloria de resistir a porfiosos assaltos, obrigando o inimigo a desistir do intento. N'esta heroica defesa não couberam os loiros sómente á guarnição; pertenceu uma boa parte d'elles ao povo, que praticou actos sublimes de devoção civica.

Menos feliz, porém, nos cercos que lhe pozeram os francezes nos annos de 1719 e 1794, viu-se rendida ás armas inimigas depois de inuteis esforços. Quando os francezes a evacuaram em 1795, deixaram em muita ruina as fortificações da praça.

Dizem que fôra el-rei D. Filippe IV que lhe dera o titulo de cidade; todavia, alguns escriptores pretendem que já anteriormente o usufruia.

Tem Fontearabia um singular brazão d'armas, composto do modo seguinte: escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel, em campo de oiro, um anjo com uma chave na mão direita; no segundo, um leão rompente em campo de prata; no terceiro, em campo de ondas verdes, um navio em acto de navegar, e junto d'elle uma baléa com o arpéo cravado no corpo; e no quarto, em campo tambem de ondas verdes, uma sereia, levantando com a mão esquerda um espelho, e um tritão que sustenta com a direita uma granada. No meio do escudo tem um escudete com um castello de prata em campo de ondas azues, e com duas estrellas por cima. Fazem orla ao escudete doze bandeiras e estandartes brancos, e varios trophéos militares, com a seguinte letra em volta: *M. N. M. L. y M. valorosa C. de Fuenterrabia;* que quer dizer: Muito nobre, muito leal, e muito valorosa cidade de Fontearabia. Finalmente, tem por coroa Nossa Senhora do Guadalupe, padroeira da cidade.

O anjo do primeiro quartel é allusão ao bem que os moradores souberam guardar a cidade durante os memoraveis cercos acima referidos. O leão rompente do segundo significa a união da cidade e da provincia ao reino de Leão e Castella. O navio e a baléa do terceiro commemoram a pesca d'estes cetáceos, que outr'ora, segundo a tradição, se fazia n'aquelles mares, com grande proveito de Fontearabia. A sereia com o espelho e o tritão com a granada, representados no ultimo quartel, alludem, a primeira ao rio em que a povoação se está mirando; e o segundo á praça de guerra que parece surgir do seio das aguas. O castello do escudete, com a orla de bandeiras e trophéos, é uma honrosa memoria das proezas guerreiras d'esta cidade. Poucas terras terão, portanto, um brazão de armas tão complicado, e que é como uma chronica da cidade.

O caminho de ferro que vae de França a Madrid passa junto a Fontearabia, como se vê em a nossa gravura, cópia de outra da *Illustração Franceza*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FR. CAETANO BRANDÃO

ARCEBISPO DE BRAGA

(Vid. pag. 89)

II

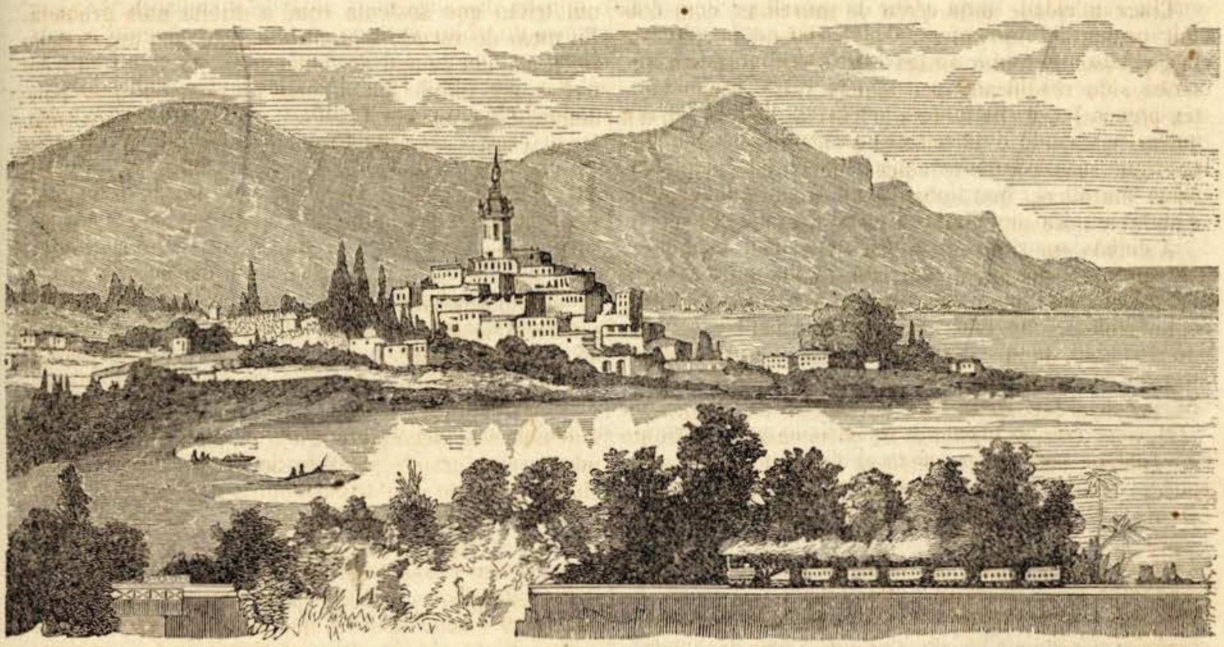
No logar e freguezia de S. João Baptista do Loureiro, situado na comarca de Estarreja, pertencente ao bispado do Porto, nasceu a 11 de setembro de 1740, de Thomé Pacheco da Cunha, sargento-mór de ordenanças, e de sua mulher D. Maria Josepha da Cruz, um menino, que, regenerado na pia baptismal sob o nome de Caetano, veiu a chamar-se mais tarde D. Fr. Caetano Brandão, bispo do Pará, no Brasil, arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas, em Portugal.

Poucas ou nenhumas noticias nos vieram da sua puericia e primeiros estudos. De treze irmãos que

teve, e dos quaes se presume haver sido o primogenito, finados todos ainda em sua vida, só consta que deixasse successão uma de suas irmãs. Do consorcio d'esta senhora com sujeito cujo nome e circunstancias ignorâmos, nasceu uma filha, casada, segundo contam os biographos, com o bacharel Filippe José Soares Pereira do Couto, e d'esta união provieram tres filhos e duas filhas. Eram estes, ao que parece, os mais chegados parentes que o illustre prelado contava ao tempo do seu fallecimento.

Chegado á edade em que era forçoso abraçar algum destino, pretendia a mãe de Caetano, já então viuva, que elle seguisse na universidade de Coimbra os estudos do direito; porém o mancebo, cuja imaginação se extasiava na contemplação do estado claustral, por mais conforme ás suas inclinações, como inimigo do fausto, e propenso ao retiro, declarou a sua mãe que estava firmemente determinado a entrar em religião. Foram inefficazes todos os argumentos e reflexões que se empregaram para dissuadil-o; e, cedendo de quaesquer direitos a que podia dar-lhe jus a primogenitura, poz por obra o seu desejo, tomando o habito franciscano no collegio de S. Pedro da Terceira Ordem da Penitencia, em Coimbra; e, findo o noviciado, ahi foi admittido á profissão solemne em 28 de novembro do anno de 1759, quando acabava de completar dezenove de edade.

Fiel observante dos votos religiosos, e assiduo no cumprimento de todos os deveres e práticas que lhe impunha o seu novo estado, não se mostrou menos applicado aos estudos proprios da profissão que voluntariamente abraçára. Frequentou na universidade o curso de theologia, e n'elle foi, em tempo competente, graduado bacharel. Para logo começou a ensaiar seus talentos nos ministerios do pulpito e do confessionario; porém os trabalhos immoderados a que se entregava n'estes continuos exercicios alteraram a sua constituição physica, naturalmente debil, e lançaram-n'o por fim em estado tal, que, para evitar a ultima ruina, lhe foi forçoso mudar de ares, indo, por



Fontearabia

conselho dos medicos e com annuencia dos prelados, para o convento que a sua ordem tinha na villa de Vianna do Alemtejo. N'esta residencia recobrou em parte as forças deterioradas, e foi ahi que principiou a manifestar outro dom, que era o de dirigir as consciencias, encarregando-se da direcção espiritual de algumas religiosas de virtude, que a esse fim o escolheram de preferencia, e que, guiadas com suas doutrinas, se adiantaram grandemente nos caminhos da mystica.

Logo que o restabelecimento da sua saude o consentiu, foi pelo prelado maior da ordem chamado, em 1774, para o convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, onde então muito floreciam as sciencias e letras, por virtude do incremento dado pelo illustre Cenaculo. Teve n'esta, como em outras occasiões, de sacrificar ao dever da obediencia a predilecção que sentia pela vida ascetica e retirada. Nomeado mestre de philosophia, desempenhou dignamente as funcções d'esse cargo, até que, tendo a ordem obtido do governo del-rei D. José que se lhe mandasse entregar, para organisar um novo collegio em Evora, o que fôra dos extinctos jesuitas com a denominação do Espirito Santo, para elle foi transferido fr. Caetano Brandão em principios de 1777, conferindo-se-lhe a regencia de uma das cadeiras que de novo se estabeleceram. Ahi, como em Lisboa e nas mais partes onde assistira, continuou a conciliar a geral estimação dos que por qualquer modo se lhe aproximavam; estimação devida ao seu merito relevante e comportamento exemplar: com quanto elle fizesse interiormente mui pouco caso dos applausos e attenções que lhe prodigalisavam, não só pelo espirito de humildade christã que n'elle preponderava, mas porque era, como já dissemos, em extremo apaixonado da clausura e do recolhimento. E tanto assim, que, por todo o tempo que foi morador em Lisboa, raras vezes saía do convento, como em Evora do collegio, não sendo visto mais que no exercicio dos ministerios sagrados, principalmente do pulpito, a que continuou a dar-se, supposto que com mais moderação.

As franquezas e immunidades concedidas aos que nas ordens monasticas exercitavam o magisterio ou a prédica, jámais o dispensaram de ser exactissimo no cumprimento dos deveres da regra, acompanhando sempre, e em tudo, os actos da communidade.

Animado sobre tudo de um zêlo ardente pela salvação das almas, sentia em si desejos fervorosos de ir propagar as luzes do evangelho nas trevas da gentilidade. Estes o levaram a pedir para ser incluido em

uma missão de catechistas, que a sua ordem destinára enviar ao reino de Angola em 1778. O prelado mostrou acquiescer ás suas rogativas, e n'essa conformidade veiu para Lisboa, a preparar-se para o embarque; mas aquelle retirou-lhe a concessão quando estava prestes para a partida, dizendo-lhe que a congregação havia aqui maior necessidade do seu serviço. Teve, pois, de resignar-se, desistindo por então do seu proposito. A Providencia, que lh'o embaraçava n'esta conjunctura, reservava-lhe para mais tarde a satisfação d'elle, enviando-o com caracter mais augusto, e poderes mais amplos, para centuplicar o proveito de suas apostolicas fadigas.

Reunido o capitulo da ordem em abril de 1780, foi de novo mandado para o collegio de Evora para ahi ensinar theologia; em cujo magisterio continuou n'esse anno e nos seguintes, até ser-lhe conferida, no de 1782, a jubilação, segundo os estatutos claustraes; mas com obrigação de leccionar ainda por algum tempo, em quanto se não provia o cargo em sujeito idoneo.

N'esta situação estava, quando impensadamente lhe chegou a Evora o aviso de 2 de agosto de 1782, pelo qual a rainha D. Maria I lhe mandava participar a eleição que d'elle fizera para bispo do Pará. Qual seria o effeito que esta nova produziria no humilde franciscano, que só suspirava (como tantas vezes dissera e escrevêra) por fugir ás honras e distincções do mundo, acabando descançado no cantinho da sua cella, e que, com verdadeira modestia christã, confiava tão pouco de si? Vacillou durante alguns dias sobre se devia ou não acceitar um encargo, cuja responsabilidade havia por incomparavelmente superior ás proprias forças: porém, tendo consultado o prelado e alguns ecclesiasticos seus amigos, achou-os accordes no dictame de que lhe cumpria obedecer; visto que, não havendo meio ou razão humana a que podesse attribuir-se esta elevação, se devia tomar (diziam) por vocação de Deus. Acceitou pois.

Conta-se que ao chegar á corte, indo ao paço agradecer á soberana a mercê recebida, lhe dirigira, no acto de beijar-lhe a mão, as palavras seguintes: «Senhora, vossa magestade fica responsavel perante Deus pela escolha que de mim fez para indigno bispo do Pará!» A estas phrases significativas, e proferidas com o accento de uma intima e profunda convicção, a rainha não póde deixar de mostrar-se commovida; e dando-se por satisfeita, prometteu-lhe que o ajudaria em tudo o que d'ella dependesse.

Penetrado da extensão e alcance dos deveres que contrahira, o novo pastor só se occupava desde então das coisas inherentes ao desempenho da sua tão elevada quanto espinhosa missão. «Se até agora (dizia elle) uma pobre alminha me custava tanto a livrar dos perigos que a cercam para a entregar ao meu Creador, que farei d'aqui em diante, tendo de lhe dar conta de um tão grande numero d'ellas! Jesus! que me sinto afogado em uma tão amargosa e triste reflexão!» Procurando, pois, informar-se minuciosamente das necessidades espirituaes do rebanho que a Providencia lhe confiára, á satisfação e remedio d'ellas encaminhava todos os cuidados que outros empregam em taes circumstancias nos preparos, não diremos do luxo, mas ainda das mais simples commodidades temporaes, que elle detestava, repellindo quaesquer conselhos que em contrario lhe suggeriam a lisonja, ou a amizade officiosa, sob os costumados pretextos de decencia e de estilo. Bastará para prova a seguinte anecdota familiar, contada pelo seu biographo, e caracteristica em summo grau do espirito de abnegação e pobreza evangelica que n'elle reinava: «Achando-me (diz aquelle) um dia na sua cella, quando se tratava dos preparativos para a viagem, lhe ouvi estar encommendando umas fivelas de aço para os sapatos; e dizendo-se-lhe que havia umas de 250 réis, replicou: — Se não se achariam de 120 réis? — e que, quanto a meias, não querendo acceitar algumas de seda que lhe davam, as mandára fazer de linha crua, para depois as mandar tingir. Isto dizia, apesar da censura e enfado de certo religioso que estava presente, e que lhe reprovava similhante escassez, allegando-lhe exemplos do contrario.» E note-se, que estas fivelas com que desembarcou no Pará foram as de que usou por todo o resto da vida, sem jámais possuir outras.

Todos os seus pensamentos e cuidados tinham por fito exclusivo o melhoramento dos costumes e o bem espiritual do rebanho que a Providencia lhe confiára, mediante a reforma do clero, que devia ser essencialmente instruido e bem morigerado. No seu entender era de muito menor infelicidade para a egreja a falta de sacerdotes, do que haver um grande numero d'elles ignorantes e viciosos. «Nunca a egreja foi mais bella e formosa aos olhos do ceo (dizia) do que nos primeiros dois seculos do christianismo; porém observo, que nunca foi mais pobre e desprezivel á vista da prudencia da carne. Deus quer ser adorado em espirito e verdade; corações humildes e puros formam o objecto das suas mais amaveis complacencias; e a pompa do culto externo só tem merecimento a seus olhos em quanto é degrau por onde a nossa fraqueza sóbe a elle.» Estas maximas haviam-se radicado profundamente no seu espirito; e converteram-se em regra invariavel do seu procedimento por todo o tempo que exercitou o officio pastoral.

Corria, entretanto, em Roma o processo da sua confirmação, cujas bullas lhe foram expedidas em janeiro de 1783. Sagrou-se em 2 de fevereiro seguinte, e depois de tratar com o governo em successivas e instantes representações tudo o que lhe pareceu necessario para a restauração da disciplina, e para a mantença e aperfeiçoamento do seminario diocesano, onde via a mais firme escora da educação do clero, partiu, em fim, para o seu bispado, largando da barra de Lisboa em fins de agosto do mesmo anno.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

CARTAS A UMA SENHORA

AS PEDRAS PRECIOSAS

I

Imagine v. exc. que um chimico namorado (que os proprios chimicos tambem podem ser Bernardins Ribeiros e Petrarcas) vinha depôr aos pés da sua amada um ramalhete de pedras preciosas, reluzentes como olhar de archanjo, translucidas e limpidas como a lagrima que se baloiça nas palpebras da donzella que, pela primeira vez, pranteia saudades de noivo ausente.

Imagine ainda, se tanto lhe apraz, que era v. exc. a dona dos pensares do nosso chimico (*quod Deus avertat*, porque amores de chimico hão de ser coisa prosaica).

Responda-me com a costumada candura, que lhe vae tão bem.

Que faria v. exc.? Preferíra a bonina do prado, gotejando ainda orvalho das pétalas mimosas? Quizera antes a florinha gentil que se tinge com as côres da aurora? Escolhêra a rosa, o jasmim, ou o cravo a recender aromas inebriantes? Dissera acaso como o mavioso auctor de *D. Jayme*, que antes de tudo:

«Os cravos altivos, as rosas singelas?»

Para que está v. exc. a fingir indecisões? Se eu a leio por dentro e por fóra! Bem sei que preferíra o presente do chimico, com ser de um chimico. Pois se o diamante é tão bello como os seus reflexos vertiginosos e satanicos! Pois se a saphira e a esme-

ralda tem um sabor oriental que encanta e arrasta! Pois se a amethista e a granada trazem á lembrança os esplendores extinctos da Alhambra a donairosa, de Cordova a soberba! E depois, que de bellezas n'aquelle brilhar inconsutil! Que de combinações maravilhosas e extaticas! Agóra, uma grinalda que quebrára os olhos ao proprio *Ghirlandajo;* logo, um collar, como a ponte de *Rialto* nunca viu outro; hoje, um cinto ondeante, crivado de pedras preciosas, como Diana, a caçadora, nunca sonhou; ámanhã, um toucado magnifico, toucado de odalisca cujas tranças são serpentes negras que se enroscam em voltas de pyras de diamante.

Não negue! não negue! minha senhora. Quem poderia resistir ao brilhar, á embriaguez d'aquelle ramalhete olympico, que a propria Amphytrite invejára envolta no seu manto de espuma e vapores?

As pedras preciosas são como as aguas da fonte de Arethuza; nunca se polluem, antes cada vez fulguram mais. Resistir ao ramalhete que tomei a liberdade de imaginar fôra tentear o impossivel. Sería mais facil que um Amphyão parasse a roda do tempo com seus canticos, do que haver um coração de mulher que resistisse ao brilho fatidico das pedras preciosas.

Mas se v. exc. soubesse que aquelles esplendores eram artificiaes, e que a mão ousada do homem alcançára imitar e egualar a natureza, empregando substancias vis; se soubesse que o ramalhete não era *unico*, e que qualquer aldeã, por mais rude e bronca que fosse, podia tambem adornar-se com os mesmos diamantes, aposto já um contra mil que v. exc. voltava de novo *aos cravos altivos, ás rosas singelas*, e, como a Galathéa antiga, emmoldurava o rosto gentil e formoso em uma grinalda de flores a desatarem-se em festões magnificos.

Vendo-a assim tão bella e tão candida no meio da belleza e da candidez, eu diria como o poeta: «*Et fugit ad salices.*»

II

Pois, minha senhora, talvez não venha longe o tempo em que a sua belleza se ha de unir á belleza do campo, para fugir á *vulgaridade*, que é a molestia de que mais nos receiâmos, e que mais grassa entre nós.

Ora eu lhe vou contar, em que peze a v. exc.

Sabe perfeitamente que as pedras preciosas são compostas de muitos corpos definidos e conhecidos, os quaes, sendo agrupados convenientemente, podem, pela synthese, levar o homem a rivalisar com a natureza.

Descance, porém, que o problema não é tão facil como se lhe afigura agora. O *mal* não é muito grave, e a natureza não desampara assim os seus foros mais queridos.

Não basta associar entre si os elementos; que, em vez de pedras preciosas, obteriamos tão sómente materias broncas e informes, corpos que os chimicos chamam *amorphos*, porque não tem fórma definida. É necessario attender á cristallisação, a essa força ignota e mysteriosa, que é a *força vital*, a *alma* dos mineraes. Assim o homem, antes de receber a centelha da Divindade, era inane e sem vida. A cristallisação é o Prometheu maravilhoso do reino mineral.

Quasi todas as pedras preciosas são constituidas de materia commum.

O *diamante* é carvão cristallisado; a *amethista*, o *cristal de rocha* ou *quartzo hyalino*, a *aventurina*, a *cornalina*, a *calcedonia*, a *ágata*, os *jaspes*, são o oxido de sillicium, ou silica, areia cristallisada; o *rubi*, a *esmeralda*, o *topazio*, a *saphira* e o *corindone*, são argila, são *ferrugem de aluminio*, mas ferrugem cristallisada.

A coloração das pedras preciosas provém dos oxidos metallicos que entram na sua composição.

Já vê, pois, v. exc. que a reproducção tão anciada pelos chimicos, e tão nociva ás senhoras que vivem na opulencia e no fausto, depende só de cristallisação, que é o verdadeiro fulcro d'este problema. Ah! minha senhora, a sciencia não reconhece fidalguias. A sciencia é a republica, onde o diamante vale tanto como o carvão da cozinha! Preconceitos de casta não se encontram aqui. A amethista é chimicamente egual ao grão de areia tenue e envergonhado que o vento arroja ao mar, e que a onda traz no seu regaço de espuma, poisando-o na praia, para o levar depois. A natureza está-nos dando continuamente lições de moralidade. Assim as soubessemos aproveitar! Por isso disse alguem que um homem intelligente é um nescio cristallisado, assim como v. exc. é o cristal da belleza.

III

E porque não julgue v. exc. que lhe estou a dizer lisonjarias vãs, que de certo odeia, e que me atediam sempre e *quand même*, vou-me já ao assumpto d'esta carta, que é muito interessante, apesar de eu ser suspeito.

Para reproduzir artificialmente as pedras preciosas o que resta fazer? Vejâmos como se formam os mineraes nos seios da terra próvida, e imitemos. Na imitação da natureza está o poderio do homem.

É sabido que as pedras preciosas encontram-se principalmente nos sitios do globo mais confrangidos de erupções volcanicas, nas fendas hiantes por onde as lavas se escoaram, e nas sublevações que modificaram a estructura do globo, trazendo á superficie os materiaes laborados no interior.

D'estas observações se concluiu que a cristallisação provinha da acção do calor central.

Mas se as forças colorificas actuaram, é provavel que a electricidade terrestre não ficasse impassivel, e, portanto, a questão vae-se complicando. Alarguem-se os limites, até que venham estudos ulteriores e mais detidos a restringil-os de novo.

Desprezando, porém, a acção electrica, cuja essencia é quasi completamente desconhecida, e attendendo só ao calor, tentou-se resolver o problema submettendo as materias primeiras a temperaturas enormes.

O carvão resistiu impavido ás provações, d'onde saíu, não com a candidez da innocencia, senão com o negrume da mais feroz contumacia e da mais obstinada perrice.

O sabio e respeitavel Ebelmen trucidou a alumina de mil modos, cada qual mais engenhoso, e obteve cristaes microscopicos de *esmeraldas* de *peridoto*, de *corindone*, etc.

O sr. Ebelmen dissolvia a alumina com oxidos metallicos convenientes no acido borico, no acido phosphorico e em certos phosphatos, e levava o misto a uma temperatura elevada. Os fundentes volatilisavam-se, e a cristallisação da alumina operava-se regular e lentamente.

Os srs. de Sénarmont e Gaudin obtiveram identicos resultados, operando do mesmo modo.

O sr. Becquerel não desprezou a electricidade para attender sómente ao calor.

Ha mais de trinta annos experimentava este sabio empregando a electricidade de fraca tensão; mas trabalhava debalde, que nunca encontrou coisa que se visse. Pois não desanimou. Eil-o novamente á obra, e d'esta vez com prospera fortuna. Usando a electricidade de fortes tensões, obteve *opalas* magnificas, que rivalisam com as naturaes.

A opala é a silica hydratada, é *areia combinada*

com agua. Esta pedra, assim como a *resinite* e a *geyserite*, são soluveis em potassa concentrada.

Fundando-se n'esta propriedade, e submettendo a dissolução ao esforço de uma pilha de quarenta pares, esforço que durou dois dias, o sr. Becquerel alcançou uma opala do tamanho de um ovo de gallinha!

O distincto chimico passou depois á alumina, mas aqui, força é dizel-o, a experiencia não lhe saíu a preceito, posto que obtivesse uma substancia dura, muito similhante ao quartzo.

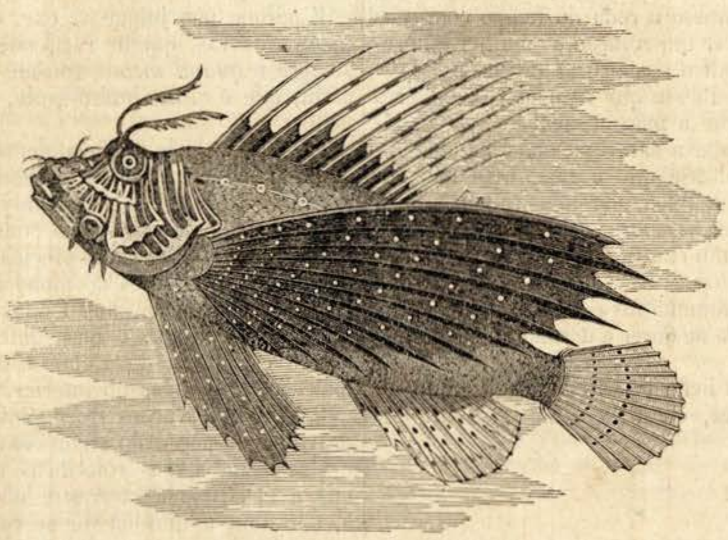
IV

Fôra fastidioso, e sobre fastidioso inutil, estar eu aqui a expor os processos empregados n'estas experiencias. Devo, porém, accrescentar tão sómente que os resultados obtidos pelos srs. Ebelmen e Becquerel são mui notaveis, e mostram que a natureza é múltipla em todas as suas energias creadoras. As forças modificam-se, conspiram para o mesmo fim, seguindo leis harmonicas.

É, pois, muito provavel que as pedras preciosas fossem produzidas tanto pelas acções calorificas, como pelas acções electricas.

A experiencia quotidiana e diuturna, e as inducções geologicas dão-se as mãos, e talvez não venha longe o dia em que as lindas e tão invejadas cristallisações naturaes sejam innocente brinquedo para a sciencia, verdadeiro desafogo de chimico aborrido e merencorio.

Será esse tambem o dia em que v. exc. ha de amaldiçoar os teimosos investigadores que roubaram a melhor propriedade das pedras preciosas, qual é a de serem raras. O luxo ganhará em extensão, mas perderá em aristocracia. Quando em arrayal festivo, quando em fogaça sertaneja, as aldeãs saltarem na dança vertiginosa e animada, descórando com o rubor das faces as lindas e mimosas côres das pedras preciosas, talvez que as flores campestres, essas perolas da vegetação, tomem o seu logar na categoria da belleza, de que foram expulsas desde que a innocencia da edade de oiro acabou na velha Grecia.



Pégaso marinho

A civilisação levar-nos-ha outra vez á poesia d'onde nos arrancou; a sciencia positiva ha de rehabilitar as flores.

E v. exc., que é poetiza de alma, ha de applaudir.

Eu de mim, obreiro obscuro e convicto do progresso, seguirei o exemplo de v. exc., porque, no dia em que a chimica houver composto todas as pedras preciosas, a sciencia andou mais um grande passo.

A. Osorio de Vasconcellos.

PÉGASO MARINHO

Este peixe tão singular, ao qual tambem se dá o nome vulgar de *escorpião-voador*, ou *dragoeira-marinha da India*, foi denominado por Cuvier, na linguagem scientifica, *pteroïs volitans*. Anteriormente designava-o a sciencia com o nome *scorpæna volitans*.

Aquelle celebre naturalista, que foi uma das maiores illustrações da França n'este seculo, e ao mesmo tempo um dos mais auctorisados legisladores do reino animal, separou este peixe do genero *scorpæna*, a que até então pertencia, por ter as barbatanas dorsaes e peitoraes extraordinariamente compridas. D'esta circunstancia lhe proveiu o nome *pteroïs*, que significa *alado*.

É notavel este peixe pela viveza e bonita distribuição das côres, e pela sua fórma exquisita, e a certos respeitos elegante. Na parte superior do corpo tem uma côr que parece uma mistura de vermelho e pardo, a qual se vae tornando mais clara e desvanecida á maneira que desce para o ventre. Todo o corpo é riscado em listas transversaes da mesma côr muito mais carregada. As escamas são pequeninas, quasi redondas, e dispostas como telhas em um telhado. As barbatanas são rôxas e brancas, alternando-se estas duas côres em manchas quasi regulares.

Vive este peixe nos rios e lagos de agua doce do Japão e das Molucas; porém é pouco commum. Alimenta-se de peixinhos, e, quando é perseguido por algum inimigo aquatico, foge, ora dando saltos fóra da agua e voando por espaços, ora mergulhando e nadando de novo. A grandeza das barbatanas peitoraes permittem-lhe estes saltos e vôos.

Tem a carne branca, dura e saborosa; pelo que os habitantes das Molucas lhe chamam *kalkom*, que quer dizer peixe-perú. Todavia, os naturaes d'estas ilhas, por effeito de certa superstição, não fazem uso d'elle nas suas cozinhas. Não succede o mesmo no Japão, onde o comem e é apreciado como um dos peixes mais delicados que se criam nos lagos e rios d'aquelle imperio.

I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio